

EDITORIAL

Caros colegas, pais e participantes do Congresso,

No presente Periódico, encontram-se compilados artigos que embasam o aprofundamento do tema do IV Congresso de Pedagogia Waldorf: “O CORPO ETÉRICO”. Vimos que se trata de um assunto muito amplo e que Rudolf Steiner abordou em inúmeras passagens, deixando claro as suas múltiplas facetas. Especialmente, Steiner enfatiza a importância para os professores desse aprofundamento no estudo acerca do tema, para que possam ancorar o trabalho com as crianças.

Além de algumas obras e passagens especiais já indicadas no Periódico N°60, transcrevemos nessa edição os artigos considerados mais importantes, que se encontram editados em obras de Steiner já esgotadas, ou artigos elaborados em palestras por autores que se dedicaram especificamente a esse tema, relacionando-o à pedagogia em geral e à pedagogia curativa. Vale lembrar que a Pedagogia Waldorf é essencialmente curativa.

Assim, em primeiro lugar, os colegas poderão ler as exortações de duas *Máximas Antroposóficas*, as de número VI e VII, ministradas por Rudolf Steiner, onde encontramos uma primeira introdução desse conhecimento e sua relação com a natureza.

Em seguida transcrevemos o **Capítulo I** da obra *Elementos Fundamentais Para uma Ampliação da Arte de Curar*, na qual encontramos exposta, detalhadamente, a função dos quatro corpos constitutivos do ser humano. Tendo como autores a doutora Ita Wegman e Rudolf Steiner, esta obra pretende expor a visão da medicina elaborada sobre essas bases.

Segue um relato de uma palestra de Otto Wolf, proferida na reunião pedagógica da Escola Waldorf de Sacramento, em 1986. Foi incluído o artigo *Uma Lei de Relação Pedagógica*, de autoria do Dr. Walter Holzapfel, que adentra no tema proposto para o Congresso, abordando como se processa a influência do educador sobre as crianças. Contamos ainda com a valiosa contribuição da professora Mônica von Beckedorff, que aborda o “O desenvolvimento do ser humano através da atuação do ‘eu’ nos três membros inferiores”.

Com esse conhecimento assim exposto buscamos facilitar o trabalho do encontro em janeiro, que ocorrerá de 21 a 26/01/14, pois como já comunicamos, teremos apenas quatro dias e muito assunto para atualizar. E ainda contamos, no Congresso, com o trabalho de **Gestão Escolar**, um presente de Florian Oswald às comunidades escolares Waldorf no Brasil.

Para se inscrever no Congresso, acesse:

<http://www.micael.com.br/blog/congresso/>

Segue a lista bibliográfica:

Nervosismo e Autoeducação -Rudolf Steiner - Editora Antroposófica

Arte de Curar - Rudolf Steiner e Ita Wegmann - Editora Antroposófica – Capítulo I

Os doze sentidos e os sete processos vitais - Rudolf Steiner - Editora Antroposófica

Antroposofia – um resumo depois de 21 anos – Rudolf Steiner –Ed. João de Barro –
palestra de 02.02.1924

O artigo *O Corpo Etérico* – Dr. *Otto Wolf*–

O Artigo *Os Sete Processos Vitais* – *Sonia Setzer* - publicado na revista da SMBA

Pela coordenação do Periódico

Eleonore Pollklaesner

MÁXIMAS ANTROPOSÓFICAS

Enviadas à Sociedade Antroposófica pelo

Goetheanum em 2/3/1924

VI. Ao dirigirmos o olhar para a natureza inanimada encontramos um mundo que se revela em correlações regidas por leis. Buscamos essas correlações e encontramos-las como conteúdo das leis da natureza. Mas também descobrimos que, através destas leis, a natureza inanimada une-se com a terra formando um todo. A partir desta conexão terrestre vigente em tudo o que não tem vida, podemos passar à contemplação do mundo vivo das plantas. Vemos como o mundo extraterrestre envia para cá, a partir das amplidões do espaço, as forças que extraem o vivo de dentro do seio do inanimado. Percebemos no vivo o elemento essencial que se desprende da conexão meramente terrestre e se torna revelador do que atua nas amplidões do espaço universal para baixo, para a Terra. Percebemos na planta mais singela a entidade da luz extraterrestre, assim como percebemos no olho o objeto luminoso que está à nossa frente. Nessa progressão da abordagem podemos ver a diferença entre o físico-terrestre, vigente no inanimado, e o etérico-extraterrestre, que vigora no vivo.

VII. Encontramos o homem colocado dentro deste mundo do terrestre e extraterrestre com o seu ser extra-anímico e extra-espiritual. Desde que esteja colocado dentro do terrestre que abrange o inanimado, ele leva em si seu *corpo físico*; se desenvolver dentro de si aquelas forças que, das amplidões universais, atraem o vivo para o terrestre, ele tem um *corpo etérico*, ou de vida. Esta posição entre o terrestre e o etérico foi totalmente desconsiderada pelo rumo do conhecimento da época mais recente. Justamente por essa razão, ele desenvolveu as concepções as mais impossíveis acerca do etérico. O pavor de se perder no fantástico impediu que se falasse dessa oposição. Mas sem falar nisso, não se chega a nenhum conhecimento sobre o homem e o mundo.

O CONHECIMENTO REAL DO SER HUMANOCOMO

FUNDAMENTO DA ARTE MÉDICA

Rudolf Steiner e Ita Wegman

Nesta obra apontamos para novas possibilidades do saber e da habilidade do médico. O que virá exposto aqui só poderá ser julgado corretamente se puderem ser aceitos os pontos de vista que nortearam o desenvolvimento das noções médicas aqui abordadas.

Não se trata de uma oposição à medicina que trabalha com os métodos científicos reconhecidos atualmente. Nós reconhecemos plenamente seus princípios, sendo nossa opinião que o conteúdo a ser exposto aqui só deveria ser colocado em prática, na arte médica, por médicos plenamente qualificados no sentido dos princípios científicos.

Entretanto, ao que se pode saber pelos métodos científicos modernos acrescentamos conhecimentos adicionais, obtidos por métodos diferentes; e por isso nos vemos na obrigação de trabalhar na ampliação da arte médica a partir desse conhecimento ampliado do mundo e do ser humano.

Em realidade, a medicina oficial não pode fazer objeção ao que vamos expor, pois nós não a negamos. Nossa tentativa só poderia ser rejeitada *a priori* por quem não apenas exigisse a confirmação do seu saber, mas ainda tivesse a pretensão de achar que não pode haver conhecimento que transcenda o seu.

A ampliação do conhecimento do mundo e do ser humano se nos apresenta na Antroposofia, fundada por Rudolf Steiner. Ao conhecimento sobre o homem *físico*, que só pode ser alcançado por meio dos métodos científicos contemporâneos, ela acrescenta o conhecimento sobre o homem *espiritual*. Essa ampliação não passa dos conhecimentos do âmbito físico aos do espiritual por mera reflexão. Tal caminho só nos coloca diante de hipóteses mais ou menos bem pensadas, e ninguém pode provar que algo corresponda a elas no mundo real.

Antes de fazer pronunciamentos sobre o espiritual, a Antroposofia desenvolve os métodos que a autorizam a fazê-los. Para se ter uma ideia desses métodos, cabe ponderar o seguinte: todos os resultados obtidos pela Ciência Natural atualmente

reconhecida provém basicamente das impressões dos sentidos humanos. Ora, mesmo que o homem amplie com instrumentos o que os sentidos lhe possam revelar pela experiência ou pela observação, nada de *essencialmente* novo se acrescenta aos conhecimentos sobre *esse* mundo em que o homem vive por meio de seus sentidos; mas nada de novo se acrescenta tampouco, por meio do pensar, ao que é dado pelos sentidos enquanto aquele está ativo na pesquisa do mundo físico. O pensar combina, analisa, etc. as impressões sensoriais para chegar a leis (leis naturais); mas o pesquisador do mundo sensorial tem de admitir o seguinte: “Esse pensar que jorra de mim não acrescenta algo real à realidade do mundo sensorial”.

Isto muda, porém, quando não nos detemos no pensar que o homem adquire inicialmente pela vida e pela educação. Nós podemos intensificar, fortalecer esse pensar; podemos colocar no centro da consciência pensamentos simples, facilmente compreensíveis, e depois, excluindo todos os outros pensamentos, manter toda a força da alma concentrada nessas representações mentais. Assim como o músculo fica mais vigoroso quando é contraído repetidamente no sentido da mesma força, a energia anímica fortalece aquela região que normalmente atua no pensar ao fazer exercícios da maneira indicada. Temos de frisar que esses exercícios devem basear-se em pensamentos simples, facilmente compreensíveis; pois enquanto faz esses exercícios, a alma não deve estar exposta a qualquer tipo de influências semiconscientes ou totalmente inconscientes. (Aqui só podemos indicar o princípio desses exercícios; uma descrição detalhada e indicações de como eles devem ser feitos encontram-se nas obras *O Conhecimento dos Mundos Superiores, A Ciência Oculta* e em outros escritos antroposóficos de Rudolf Steiner)

É fácil objetar que alguém que se entregue com todo o vigor a pensamentos colocados no centro da consciência está exposto a uma série de autossugestões e coisas similares, e que simplesmente entra no campo da fantasia. Contudo, simultaneamente a Antroposofia mostra como esses exercícios devem transcorrer para que essa objeção seja completamente injustificada. Ela mostra como se deve, durante o exercício, progredir de maneira totalmente clara, mantendo a consciência, tal como ocorre na solução de um problema aritmético ou geométrico. Assim como ao fazer matemática a consciência jamais pode deslizar para o inconsciente, ela igualmente pouco pode fazê-lo durante os exercícios apontados quando as indicações antroposóficas são seguidas corretamente.

No decorrer desses exercícios adquire-se um revigoramento da *força do pensar*, da qual não se tinha idéia antes. Sentimos a força do pensar atuando em

nós como um novo conteúdo da entidade humana; e um conteúdo universal, antes talvez pressentido, mas não conhecido por experiência própria, revela-se simultaneamente a esse conteúdo da própria entidade humana. Quando, em momentos de auto-observação, contemplamos o pensar comum, notamos que os pensamentos são como sombras, são pálidos quando defrontados com as impressões dadas pelos sentidos. Mas aquilo que passamos a perceber com a força revigorada do pensar não é pálido e vago; é algo cheio de conteúdo, de imagens concretas; é constituído de uma realidade muito mais intensa do que o conteúdo das impressões sensoriais. Quando o homem amplia a força de sua capacidade perceptiva da maneira indicada, um mundo novo se abre para ele.

À medida que o homem aprende a ter percepções nesse mundo do mesmo modo como, anteriormente, só conseguia perceber no mundo sensorial, fica-lhe claro que todas as leis da natureza que ele havia conhecido antes valem *exclusivamente* para o mundo físico, e que é a essência do mundo onde agora ele penetra é constituída de leis diferentes, contrárias mesmo àquelas do mundo físico. Nesse mundo, a lei da gravitação terrestre não tem valor; ao contrário, porém, surge uma força que não atua do centro da Terra para fora, mas da periferia do Universo para o centro da Terra. Com as outras forças do mundo físico ocorre algo equivalente.

A capacidade que, por meio de exercícios, o homem adquiriu para observar esse mundo é chamada na Antroposofia de “força cognitiva imaginativa” - “imaginativa” não por ter algo a ver com o que é imaginário, mas porque o conteúdo da consciência não está preenchido de sombras de pensamentos, mas de imagens. E assim como nós nos sentimos vivenciando diretamente a realidade por meio da percepção sensorial, o mesmo também acontece com a atividade anímica do conhecimento imaginativo. O mundo ao qual se refere esse conhecimento é chamado pela Antroposofia de “mundo etérico”. Não se trata, no entanto, do éter hipotético da física atual, mas de algo que se mostra como a realidade à visão espiritual. O nome é dado de acordo com noções mais antigas, instintivas, desse mundo. Frente ao que hoje pode ser conhecido claramente, essas noções carecem de valor cognitivo; contudo, quando queremos denominar algo, precisamos de nomes.

Dentro desse mundo etérico percebe-se, ao lado da corporalidade física do homem, uma corporalidade etérica. Quanto à sua essência, essa corporalidade etérica é algo que encontramos também no mundo vegetal. As plantas possuem

seu corpo etérico. As leis físicas realmente valem apenas para o mundo mineral, sem vida.

A existência do mundo vegetal é possível na Terra pelo fato de nela estarem presentes substâncias que não ficam presas às leis físicas, e sim deixam de lado essas leis e aceitam outras, opostas. As leis físicas atuam partindo da Terra; as etéricas, como que fluindo de todos os lados da periferia cósmica para a Terra. Só podemos compreender a formação do reino vegetal vendo nele a interação entre o âmbito terrestre-físico e o cósmico-etérico.

E assim sucede quanto ao corpo etérico humano. Por meio dele ocorre no ser humano algo que não é a continuação do efeito regular das forças do corpo físico, mas se fundamenta no fato de que as substâncias físicas, ao fluir para o âmbito etérico, primeiro se desfazem de suas forças físicas.

No início da vida terrestre humana, mais nitidamente durante a época embrionária, essas forças ativas no corpo etérico atuam como forças formativas e forças de crescimento. No decorrer da vida terrestre, uma parte dessas forças se emancipa da atuação sobre a formação e o crescimento e transforma-se em forças do pensar, ou seja, justamente naquelas forças que trazem o mundo vago dos pensamentos para a consciência geral.

É extremamente importante sabermos que as forças do pensar comum do homem são as forças formativas e de crescimento refinadas. Na conformação e no crescimento do organismo humano, manifesta-se algo de espiritual; posteriormente, na vida, esse espiritual aparece como a força espiritual do pensar.

Essa força do pensar é apenas uma parte da força plasmadora e de crescimento humano que vive no etérico. A outra parte permanece fiel à tarefa que ela detinha no começo da vida humana. O aspecto etérico-espiritual, que tece e vive no organismo, só pode manifestar-se posteriormente, na vida, como força do pensar porque o ser humano continua evoluindo depois que sua configuração e seu crescimento já estão bem avançados, isto é, terminados até determinado grau.

Assim, de um lado a força plasmadora (plástica) revela-se à contemplação espiritual imaginativa como algo etérico-espiritual que se manifesta, de outro lado, como o conteúdo anímico do pensar.

Acompanhando o aspecto substancial das substâncias terrestres até a

conformação etérica, deve-se afirmar o seguinte: sempre que essas substâncias entram nessa conformação, elas assumem uma característica pela qual se afastam da natureza física. Nesse estado de distanciamento, elas penetram num mundo onde o elemento espiritual vem ao seu encontro, transformando-as de acordo com a essência do mesmo.

Elevar-se desse modo à entidade etérico-vital do ser humano, conforme é relatado aqui, é algo completamente diferente da afirmação não-científica – ainda comum até a metade do século XIX – da existência de uma “força vital” para explicar os corpos vivos. Trata-se aqui da verdadeira contemplação – da percepção espiritual – de algo com caráter de uma entidade presente no ser humano, bem como em tudo o que é vivo, tal como o corpo físico. Para realizar este tipo de contemplação, não é possível continuar pensando de maneira indeterminada com o pensar corrente; tampouco se pode imaginar um outro mundo com a força da fantasia. É preciso ampliar o conhecimento humano de maneira muito precisa, e essa ampliação também tem como resultado a experiência de um mundo ampliado.

Pode-se dar continuidade aos exercícios que conduzem a uma percepção superior. Assim como empregamos uma força superior para concentrar-nos em pensamentos que pusemos no centro de nossa consciência, também podemos empregar uma força superior para suprir as imaginações (imagens de uma realidade espiritual-etérica) obtidas. Atingimos então o estado de uma consciência completamente vazia. Estamos apenas acordados, sem que, a princípio, esse estado de vigília tenha um conteúdo. (Mais detalhes encontram-se nos livros já citados). No entanto, esse estado de vigília sem conteúdo não persiste. A consciência, esvaziada de todas as impressões físicas, e também etérico-imaginativas, preenchem-se de um conteúdo que lhe afluí de um mundo espiritual real, assim como as impressões do mundo físico afluem aos sentidos físicos.

Pelo conhecimento imaginativo conhecemos o segundo membro constituinte da entidade humana; ao preencher a consciência vazia com conteúdos espirituais, chegamos ao conhecimento de um terceiro membro. A Antroposofia denomina o conhecimento obtido desse modo como “inspiração”. (Não devemos deixar-nos enganar por essas expressões; elas advêm de uma maneira instintiva de perceber os mundos espirituais, própria de épocas remotas; todavia, definimos com precisão o que aqui queremos denominar com elas.) Ela designa como “mundo astral” o mundo onde se penetra pela “inspiração”. Quando falamos

de “mundo etérico”, conforme foi explicado aqui, referimo-nos às atuações que agem da periferia cósmica para a Terra. Quando, porém, falamos de “mundo astral”, de acordo com as observações da consciência inspirativa, passamos das atuações da periferia cósmica para determinadas entidades espirituais que se revelam nessas atuações, tal qual as substâncias terrenas se revelam nas forças que emanam da terra. Falamos de entidades espirituais concretas que atuam a partir de distâncias cósmicas longínquas, da mesma maneira como falamos das estrelas e constelações ao olhar o céu noturno com nossos sentidos. Daí a expressão “mundo astral”. Nesse mundo astral o ser humano porta o terceiro membro da sua entidade: seu corpo astral.

A substancialidade terrena também deve fluir para esse corpo astral. Com isso ela se distancia ainda mais de sua essência física. Assim como partilha seu corpo etérico com o mundo vegetal, o ser humano partilha seu corpo astral com o reino animal.

A entidade realmente humana, que leva o homem acima do reino animal, é reconhecida por um tipo de cognição ainda mais elevado do que a inspiração. A Antroposofia fala então de “intuição”. Na inspiração se revela um mundo de seres espirituais; na “intuição” se aprofunda a relação entre o ser humano que está desenvolvendo tal cognição e aquele mundo. Traz-se à plena consciência aquilo que é puramente espiritual, algo que na vivência consciente é experimentado como não tendo correspondência alguma com uma experiência por meio da corporalidade. Desse modo a pessoa se transfere para uma existência que é a do espírito humano entre outros seres espirituais. Os seres espirituais do mundo se *revelam* pela inspiração; pela intuição, nós *convivemos* com esses seres.

Chega-se, assim, ao reconhecimento no quarto membro constituinte da entidade humana, o verdadeiro “eu”. Mais uma vez notamos como a substancialidade terrena se afasta muito mais de sua natureza física ao se inserir na atuação e na essência do “eu”. A entidade que incorpora essa substancialidade como “organização do eu” é aquela forma das substancialidade terrestre que mais se afasta do seu caráter físico-terreno.

O que conhecemos, dessa maneira, como “corpo astral” e “eu” não está ligado ao corpo físico da organização humana do mesmo modo como o corpo etérico. A inspiração e a intuição mostram que o “corpo astral” e o “eu” se separam dos corpos físico e etérico durante o sono, e que apenas durante o estado de

vigília existe um entrosamento total dos quatro membros da natureza humana, formando uma entidade humana unitária.

Durante o sono, o corpo físico e o corpo etérico do homem permanecem nos mundos físico etérico. Porém eles não se encontram na mesma situação em que se encontram os corpos físico e etérico de um ser vegetal; eles carregam em si os efeitos decorrentes da atuação da entidade astral e do eu. No instante em que os efeitos dessa atuação cessassem, o homem teria de acordar. Um corpo físico humano jamais pode estar submetido unicamente a atuações físicas, assim como um corpo etérico humano jamais pode estar submetido unicamente a atuações etéricas. A consequência disso seria a desintegração deles.

A inspiração e a intuição, contudo, ainda mostram outra coisa. A substancialidade física experimenta uma evolução de sua essência quando passa a atuar e a viver no âmbito etérico. A *vida* decorre do fato de o corpo orgânico ser arrebatado da essência própria do elemento terrestre e ser estruturado a partir do Cosmo extraterrestre. Essa estruturação, porém, certamente leva à *vida*, mas não à *consciência* e nem à *autoconsciência*. O corpo astral precisa estruturar sua organização dentro das organizações física e etérica; o eu tem de fazer o mesmo em relação à organização do eu. Mas essa *estruturação* (edificação) não resulta num desabrochar consciente da vida anímica. Para que isso aconteça, é preciso que um *desgaste* se oponha à edificação. O corpo astral configura seus órgãos; ele os desgasta novamente ao permitir que a atividade dos sentimentos se desenvolva na consciência da alma. O eu estrutura sua “organização do eu”; ele a desgasta quando a atividade volitiva se torna atuante na sua autoconsciência.

No interior da individualidade humana, o espírito *não* se desenvolve tendo por base uma atividade substancial *edificante*, mas um processo de *desgaste*. A substância deve retrair-se de sua atividade no local do ser humano onde deve atuar o espírito.

Já o aparecimento do pensar, dentro do corpo etérico, não se fundamenta numa continuidade da característica etérica, mas no desgaste da mesma. O pensar *consciente* não se desenvolve nos processos de configuração e de crescimento, mas em processos de desintegração, de murchamento, de extinção, os quais estão continuamente inseridos no processo etérico.

No pensar consciente os pensamentos libertam-se da estrutura corporal e, como estrutura anímica, tornam-se vivências humanas.

Enfocando agora a entidade humana com base num tal conhecimento do ser humano, notamos que só conseguiremos compreender o ser humano como um todo, bem como um órgão isolado, quando soubermos como nele atuam os corpos físico, etérico, astral e o eu. Há órgãos em que atua principalmente do eu; há outros em que o eu atua pouco, mas em compensação ha um predomínio da organização física.

Nós só podemos entender o ser humano sadio ao reconhecemos o modo como os membros superiores constituintes da entidade humana se apoderam da substância terrestre para forçá-la a seus serviços, e quando reconhecemos igualmente como a substância terrestre se transforma ao penetrar no âmbito da atividade dos membros superiores da natureza humana. Do mesmo modo, só podemos compreender o homem doente quando reconhecemos a situação do organismo global, de um órgão ou de uma cadeia de órgãos, em consequência do modo de atuação irregular dos membros superiores constituintes da entidade humana. E só podemos pensar em medicamentos depois de desenvolver um conhecimento de como uma substância terrestre ou um processo terrestre se relaciona com o âmbito etérico, com o astral e com o eu. Somente então a administração de uma substância terrestre ao organismo humano, ou um tratamento com uma atividade terrena, pode assegurar aos membros superiores da entidade humana um desenvolvimento livre; ou fazer com que naquilo que foi administrado a substancialidade terrestre encontre o suporte necessário para chegar a tornar-se a base para a atividade terrena do espírito.

O ser humano é o que é graças ao corpo físico, ao corpo etérico, à alma (corpo astral) e ao eu (espírito). Ele deve ser visto como homem sadio a partir desses membros; como doente, deve ser percebido no equilíbrio perturbado dos mesmos; para sua saúde deve-se encontrar medicamentos que restabeçam o equilíbrio perturbado.

Esta obra pretende indicar uma visão da medicina elaborada sobre um essas bases.

Extraído do livro: *Elementos Fundamentais da Arte de Curar - segundo os conhecimentos da Ciência Espiritual*

O CORPO ETÉRICO

Relato de uma palestra de Otto Wolf, proferida na reunião pedagógica da

Escola Waldorf de Sacramento em 1986.

Falar sobre o corpo etérico é uma tarefa difícil. Hoje em dia estamos acostumados a falar sobre fatos, tomar notas e levá-las conosco para casa. Fatos isolados não conseguem gerar uma imagem do corpo etérico. Podemos contar as partes do corpo físico. Podemos até falar desse modo do corpo astral. O corpo etérico, no entanto, está sempre se regenerando; ele se transforma o tempo todo. Portanto, o que sabemos a seu respeito agora, não significa que será o mesmo amanhã, ou dentro de um ano ou em dez anos. Este é um conceito difícil e, por isso, procurarei passar uma imagem que vocês possam continuar elaborando por conta própria. Posso citar alguns fatos, mas eu ficaria contente se vocês esquecessem os fatos transformando-os em imagens.

Como sabem, o corpo etérico está um nível acima do corpo físico. Acima do corpo etérico está o corpo astral e acima deste o Eu. Isso é o que aprendemos na Antroposofia. Um aspecto decisivo é aprender a diferenciar entre *corpo* etérico e *forças* etéricas. Vocês sabem que existem forças que vêm da periferia. Seu centro se encontra no exterior e elas são opostas às forças relacionadas com a Terra. Estas têm seu centro no interior da Terra. As forças etéricas provêm do exterior. Isto representa um problema, porque nosso modo de pensar se opõe a isso. Nosso pensar é causal, isto é, uma coisa provoca outra. As forças etéricas afluem do exterior e, falando de forma mais concreta, pode-se considerar que os planetas constituem, aproximadamente, a origem das forças etéricas. As estrelas e os planetas pertencem à região de onde provém a luz. A vida está relacionada com a luz. Quando falamos de forças etéricas é apropriado que usemos outro termo além de “forças vitais”. Como Rudolf Steiner mencionou, podemos denominar as forças etéricas de “forças de luz”. Também podemos falar em “forças do tempo”, porém, para nós é essencial observarmos o que está por trás do nome.

As forças etéricas atuam no tempo. De certa forma o tempo está ligado ao sistema planetário. Os antigos gregos compreendiam isso como uma verdade fundamental. O planeta mais distante, Saturno, era chamado “Cronos”, o que significa tempo. Para os gregos Cronos representava o início e o fim do tempo,

assim como nós o pensamos. Vida apenas existe no tempo. O tempo inicia quando nascemos na terra. Ele termina quando morremos. Não podemos isolar uma parte dele, embora algumas vezes gostaríamos de fazê-lo, quando temos filhos pequenos. Gostaríamos de mantê-los com um ou dois anos de idade. Eles são tão lindos nessa faixa etária, mas não é possível mantê-los assim: eles crescem! (Mais tarde eles não são mais tão lindos!)

O crescimento é uma expressão das forças etéricas. Quando investigamos processos de crescimento podemos observar dois tipos diferentes. Podemos ver a substância viva crescer. Considerem, por exemplo, bactérias. Elas crescem continuamente e nunca morrem por si próprias! Aqui as forças etéricas estão bem ativas, contudo, nunca configurarão um *corpo* etérico. Por que não? Porque um corpo constitui uma unidade e bactérias jamais formam uma unidade. Elas nunca produzirão uma forma; vocês jamais encontrarão uma configuração ('gestalt'). Forma e configuração ('gestalt') constituem unidades e quando, até certo ponto, estiverem isoladas do mundo etérico total, elas formam um corpo. Podemos nos referir ao corpo etérico como uma unidade na qual, por exemplo numa planta, uma parte pertence à folha e a folha ao caule. A forma das folhas apresenta diferenças conforme esteja localizada mais próxima à base ou no topo. Isto cria uma unidade; no entanto, não conseguimos encontrar esse princípio nas bactérias. Portanto, nas bactérias podemos trabalhar com *forças* etéricas, mas estas não são concentradas numa forma que dê origem a um *corpo* ou crie uma unidade. Uma unidade significa que uma parte está em relação com outra parte; a direita com a esquerda, o topo com a base e assim por diante.

Por isso chamamos o corpo etérico de "arquiteto". Um arquiteto não coloca indefinidamente um tijolo sobre outro. Antes, o processo de crescimento vai até um certo ponto no qual se detém. Não é assim com as bactérias: elas crescem enquanto houver uma fonte de alimento. Contrastando com isso, uma árvore ou planta cresce até atingir determinado tamanho e então para. O mesmo ocorre com os animais e seres humanos. Observem gêmeos idênticos. Cada um possui um corpo etérico e não metade dele. Ambos recebem forças etéricas do universo, embora tenham o mesmo ponto de partida: um óvulo fecundado. A separação física não implica em que o corpo etérico também esteja separado. O resultado será dois corpos gêmeos idênticos.

Quando estudamos a luz e como ela atua através das forças etéricas, podemos diferenciar dois tipos diferentes de luz. O primeiro está relacionado com os

processos de crescimento. Não há crescimento sem luz. Plantas morrem na ausência de luz. A luz gera uma nova substância viva por meio da fotossíntese.

Quando luz penetra numa substância morta, ela nunca é transformada em vida, mas em calor. Entretanto, absorvida por uma planta, luz pode ser transformada em substância viva. Um organismo vivo utiliza a luz para produzir vida. Assim, podemos observar uma diminuição na temperatura de uma substância viva quando ela estiver em processo de produzir mais substância. Na linguagem química chama-se a isto *endotermia*, trata-se de uma redução. É um processo típico do vegetal. Na medida em que a planta cresce, ela necessita de calor. Na fotossíntese os vegetais consomem calor e luz e transformam-nos em vida.

1. *Vida*

É luz transformada! Não é somente coincidência que ambas as palavras sejam tão parecidas em inglês: light e life (em alemão: Licht e Leben). Este fato etimológico indica que ambas têm a mesma origem, o mundo etérico.

Cosmos

Planetas

Forças etéricas

Luz solar

Substâncias Vivas

(Carboidratos, amidos etc.)

CO₂

K, Mg, H₂O

Substâncias terrenas

Terra

Este é um aspecto da luz. O outro pode ser evidenciado por um dente-de-leão crescendo na sombra e outro em pleno sol. Observem a diferença. Qual é maior? Vocês ficarão surpresos! A planta maior está na sombra! O vegetal necessita de luz para crescer, mas na sombra, onde há pouca luz, ele é maior! Em minha infância essa questão me atormentou muito. Eu me perguntava: “porque as vacas não preferem os dentes-de-leão grandes?” Meu tio sorria e respondia que as vacas o sabem melhor. Obviamente as vacas o sabem melhor! Elas preferem as plantas menores e não as maiores. Eu achava que elas eram bobas. Se alguém me dissesse para escolher um doce, eu certamente escolheria o maior. Quanto maior, melhor! (assim pensamos). No entanto, as vacas fazem uma escolha diferente. Meu tio não conseguia explicá-lo, mas eu o observava. A diferença é uma questão de forma. Observem, e verão que o dente-de-leão maior não tem a forma correta. Ele é caído, sem textura adequada, é maior, porém não totalmente verde. No extremo oposto, quando subimos ao alto de uma montanha, também encontramos dentes-de-leão, todavia, eles são bem pequenos, com folhas finamente estruturadas. Eles estão plenos de vida. É isso que as vacas percebem. Elas não o sabem, mas sentem o gosto. Portanto, vemos que forma, estrutura e forças formativas também chegam pela via da luz.

Portanto, a luz apresenta dois tipos diferentes de forças. De um lado há forças que estimulam o crescimento e a produção de novas substâncias, e de outro, há as forças que configuram e dão forma. Atualmente se sabe que crescimento e vida dependem mais do lado vermelho do espectro, enquanto o lado azul e ultravioleta influencia mais a forma e configuração. A luz ainda contém outras forças que não conseguimos enxergar, por exemplo, a influência de outros planetas e estrelas, mas isso já é outra história.

Podemos observar as forças formativas inerentes à luz quando expomos bactérias, as quais, como salientamos, não possuem corpo etérico, ao tipo de luz que dá forma e configuração, particularmente à luz ultravioleta. Esta luz mata as bactérias. Trata-se de uma luz que puxa para o azul. A luz vermelha promove um crescimento indiferenciado. Tanto a luz azul quanto a vermelha estão presentes na luz do sol e, assim, influenciam o corpo etérico.

O corpo etérico não é apenas um arquiteto, ele é também um artista. Hoje em dia precisamos fazer essa diferenciação, porque o arquiteto moderno não é somente um artista, mas também um técnico. Antigamente o arquiteto era primeiramente um artista. Observem as catedrais da Idade Média e verão um

tipo de arquitetura que não existe mais. Elas foram construídas a partir da harmonia cósmica. Eles construíam uma catedral com uma corda! Retrocedam ainda mais no tempo, até os templos gregos, ou mais ainda, até a época egípcia. Esses templos remotos não eram meros edifícios; eram criações artísticas! Tudo o que se construía era arte. O nosso corpo etérico é um artista por excelência. Por isso nossos corpos também são criações artísticas. Nosso corpo inteiro tem como fundamento a seção áurea. Quando comparamos as três partes de um dedo, a razão entre a menor e a imediatamente maior é igual à da maior em relação ao todo. Assim, muitas partes do organismo humano têm como fundamento a seção áurea. Isto é arte, e isto é harmonia. O corpo etérico é um corpo de harmonia. Quanto à harmonia e sabedoria ele é muito superior ao que encontramos no corpo astral, e ainda superior ao que temos em nosso Eu. Somos formados por uma harmonia oriunda de um mundo superior.

Antigamente as pessoas sentiam uma relação direta com o mundo superior mediante a religião. Na verdade, de onde vem a religião? Trata-se de um conhecimento dos céus, de um mundo superior! A formação de nosso corpo etérico é harmonia, é religião cristalizada. No passado as pessoas sentiam que a harmonia estava no céu e a desarmonia no inferno. Quando cheiravam a fragrância de uma flor sentiam que era um presente do céu. Pois o inferno fede! No céu soa música! (Tenho certeza que os anjos tocam música que é harmonia cósmica, mas preferem Bach e Mozart quando, às vezes, tocam música “humana”) Harmonia faz parte da música. E onde encontramos barulho? No inferno, é óbvio! Demônios fazem muito barulho. (Hoje em dia não somente demônios e máquinas fazem barulho que não conseguimos evitar, mas muitas pessoas o fazem intencionalmente! Vocês certamente conhecem bastantes exemplos). Barulho e desarmonia sempre estiveram vinculados com o mundo inferior, com o inferno. A harmonia tinha sua origem no mundo espiritual. Não é apenas uma maneira de dizer quando afirmo que o corpo etérico é religião cristalizada, ou música ou luz. Todas elas são expressões do mundo superior. Apesar de não ser evidente, a harmonia está incluída nelas. Em outras palavras, a origem da vida e das forças etéricas está no mundo acima da Terra. Por si só a Terra jamais poderia criar vida.

De que modo o corpo etérico consegue construir uma substância plena de vida? Já mencionei que somente a planta pode absorver as forças etéricas. Um animal ou ser humano também, mas de um modo diferente. Como as plantas assimilam diretamente forças etéricas? Naturalmente elas necessitam uma substância receptora. Uma condição requerida dessa substância é que ela seja aquosa. Onde

não existe água, como no deserto, não há vida vegetal. Aprendemos que água é vida. Realmente, isso é uma simplificação exagerada, e está incorreta, pois água pura também é venenosa. Se estivermos com muita sede e com o estômago vazio e bebermos água “pura” em quantidade suficiente, ela causará a morte. Água destilada não é uma substância viva. O que quero dizer com isso? Considerando a seiva vegetal, ou o sangue de um corpo animal ou humano, nunca se trata de água “pura”. Nunca! Ela sempre contém sais, traços de açúcar, proteínas, etc.; ela constitui uma unidade de muitas substâncias.

Há uma substância especial necessária para que o corpo etérico possa entrar na água: é o *potássio*. Potássio isolado é uma substância morta, no entanto, ele é um outro portador de forças etéricas e, como a água, eles têm afinidade! Por isso encontramos potássio em qualquer líquido vivo ou célula. Portanto, necessitamos de potássio e água como fundamentos da vida. Por outro lado o potássio é incapaz de assimilar luz. Para lidar com a luz o vegetal precisa de *magnésio*. O magnésio é luz concentrada. As plantas absorvem luz via clorofila, um magnésio orgânico. Para que a água tenha vida ela precisa conter potássio e magnésio além de muitas outras substâncias. Mencionei essas três como exemplo.

Como as forças etéricas atuam na substância física? Uma condição essencial é a presença de uma ampla *superfície*. Observemos uma planta. O que ela é? Seu órgão principal é a folha. Funcionalmente a folha é uma superfície. Ela não é tridimensional, mas simplesmente uma grande superfície. Uma árvore também é uma superfície, apenas superfície. As forças etéricas atuam através de superfícies. Consideremos as forças telúricas, principalmente a gravidade. Elas atuam partindo do centro da Terra, portanto, são opostas às forças etéricas. Como algo pode perder peso, mas não necessariamente massa? Por meio de pulverização, ampliando muitíssimo a área da superfície! Isso pode ser demonstrado da seguinte maneira: primeiro pego em minha mão um pedaço de giz, abro os dedos e vejo-o cair. Depois pego o mesmo pedaço de giz e o trituro, para obter um pó. O pó não cai, mas flutua no ar. Ele perde peso quando é exposto às forças periféricas. Quanto menor a substância, maior a superfície, e mais exposta às forças etéricas. Quanto maior for a substância, mais exposta fica à ação das forças telúricas. É por essa razão que possuímos células tão pequenas em nosso corpo. Quanto menores forem, maior será sua superfície total e tanto mais expostas às forças etéricas. É desse modo que nosso corpo etérico lida com as células.

O corpo etérico está “distante” do nosso Eu, e durante o tempo de vida usamos

e abusamos dele com nosso corpo astral, que se situa entre o Eu e o corpo etérico. Antes do nascimento temos de começar a plasmar nossos corpos, e isso só pode ser feito produzindo substância viva. Como isso é possível? Pelo conhecimento dos mundos superiores fica evidente que não conseguimos fazê-lo por nós mesmos, e tampouco esse processo ocorre por si só, mas seres superiores fazem-no para nós. É ridículo perguntar a uma mulher grávida como ela faz uma criança. Ninguém consegue fazê-lo, pois se trata de juntar forças etéricas que trazemos para baixo, para a Terra, e transformá-las em substância viva. Naturalmente trata-se de forças relacionadas à luz que, por sua vez, estão relacionadas aos planetas e a todo o cosmo. Em outras palavras, o interior do útero, onde a criança se desenvolve, é um enclave do cosmo. O fato de ter a forma de ovo é significativo. A forma ovóide é uma expressão de forças cósmicas. Os planetas não se movem num padrão circular em torno do sol, eles seguem uma trajetória elíptica! A elipse e a forma ovóide são expressões de forças cósmicas. Essa forma consegue absorver as forças cósmicas que penetram no interior, oriundas do exterior. A tragédia da pesquisa moderna em embriologia reside no fato de que se tenta descobrir como e por que o embrião cresce, investigando-se o próprio embrião. Não se consegue obter a resposta desse modo. Forças formativas vêm do exterior. Assim, forças formativas penetram e chegam a um repouso na manifestação da substância viva.

O órgão que gera vida é o fígado. Em inglês *life* (vida) e *liver* (fígado), em alemão *Leben* (vida) e *Leber* (fígado). Encontramos semelhança entre as duas palavras em várias línguas. O fígado produz vida. Nos livros modernos descreve-se que o fígado produz proteína, glicogênio, gordura etc.. Naturalmente tudo isso está correto, mas não é o aspecto decisivo! O importante é que o fígado produz vida, ou seja, substância viva. Proteínas e outras substâncias são meramente portadoras de vida. Enquanto somos embriões utilizamos o fígado exclusivamente para crescer. É por isso que até o nascimento o feto cresce continuamente e com rapidez. O volume do fígado de um embrião de 31 cm corresponde a 10%; de um recém-nascido corresponde a 5%; de um adulto corresponde a 2% do volume corporal total. Um recém-nascido deixa de crescer por alguns dias, na verdade ele até perde peso durante 3 a 6 dias. Com 10 dias de vida ele volta a alcançar o peso que tinha ao nascer. Por quê? Porque aparece uma nova influência. Essa nova influência inicia o processo de catabolismo, ou seja, uma quebra de substância, acionada pelo que ocorre na primeira respiração. Esta assinala a encarnação do corpo astral e do Eu. No entanto, hoje não entraremos nesse assunto. Quero somente apontar que o crescimento interminável do corpo etérico é sobrepujado por uma nova influência, um novo impacto. No decorrer

da vida o fígado diminui. Quanto mais jovem for uma pessoa, maior será a proporção do fígado em relação ao peso corporal. Em contrapartida, quanto mais velha for a pessoa, menor será o fígado. A morte natural é, na verdade, uma disfunção do fígado. Ou seja, o fígado e o corpo etérico, pela via do fígado, não conseguem mais sustentar nosso organismo.

No passado, as pessoas sabiam que o fígado é o órgão central do corpo etérico. Naturalmente elas não dispunham das possibilidades que temos hoje de fazer investigações científicas. Elas expressavam-no de modo diferente. Usavam imaginações. Uma dessas maravilhosas imaginações fisiológicas é o mito de Prometeu. Prometeu trouxe luz e o fogo aos seres humanos; a luz e o fogo são a centelha do Eu. Somente o ser humano é capaz de lidar com o fogo, nenhum animal o consegue. Como castigo por ter trazido o fogo à humanidade, Prometeu foi acorrentado a uma rocha no Cáucaso. A cada manhã vinha uma águia e comia de seu fígado, e toda noite o fígado de Prometeu voltava a crescer até atingir o tamanho original. Isto é pura fisiologia! Na mitologia a águia é sempre uma imagem das forças da cabeça e do sistema nervoso, que destroem o corpo. A águia é um pássaro de rapina; ela vive de outras formas de vida. Destrói vida. Esta é a sua tarefa na ecologia da Terra. Nós fazemos o mesmo com nossos corpos quando estamos acordados. Nossa consciência, a águia, destrói a vida, o fígado. A pesquisa moderna revela exatamente o que esse mito descreve. Durante a noite, o fígado produz glicogênio, que é a espécie de carboidrato humano, em analogia ao amido das plantas. Esse amido é uma substância viva. Produzimos praticamente a mesma substância que o vegetal, porém adaptada às necessidades humanas. O fígado é como uma planta dentro de nós. A consciência é como a águia.

Durante a noite reabastecemos nosso fígado. Assim estabelece-se um equilíbrio entre anabolismo e catabolismo. Observamos o corpo etérico que edifica durante a noite, e o corpo astral e o Eu, que destroem durante o dia. Um fígado saudável é rico em glicogênio, um fígado doente é pobre em glicogênio. Por quê? Porque não há anabolismo suficiente, não há produção especialmente de uma substância viva, de tipo vegetal.



O que podemos fazer para fortalecer, cuidar e poupar o corpo etérico? Rudolf Steiner explicou que até a idade de sete anos as forças etéricas da criança estão vinculadas ao processo de crescimento. A troca de dentes nessa época é um sinal de que parte das forças etéricas se liberou. É como um nascimento na região da

cabeça, e então a criança pode usar essas forças para pensar. Pensar é uma ação complexa, tanto assim, que muitas pessoas têm medo de pensar. Somente o ser humano é capaz de pensar, e isto é uma questão relacionada ao Eu. No entanto, só conseguimos pensar quando estamos acordados, e isso envolve o corpo astral. O fundamento da “substância” com que pensamos é constituído de forças etéricas - forças etéricas transformadas.

Transformamos vida em pensamento! É a evolução do que Platão chamou de Ideia. Ideia – o termo grego é “*Idea*”, que deriva, por sua vez, do verbo “ver” = “*Horao, Opsomai*” = “eu verei”; “*Eidon*” = “eu vi”. Palavras completamente diferentes para uma mesma ação! “*Eidon*”, “*idon*” – “*Idea*”, significando “aquilo que eu vi”. Trata-se de uma percepção, e percepção é uma questão de luz. O que eu vi me dá segurança, e não o que eu cheirei, ouvi ou degustei. E novamente vemos uma transformação, uma segunda transformação. Luz é transformada em vida (planta) que então se transforma em ideia (ser humano). Por que não conseguimos ver uma ideia? Porque estamos como que confinados dentro dela quando pensamos. Estamos dentro da vida, no meio da luz. Não podemos ver a ideia, mas podemos reconhecê-la nos outros. Em inglês, quando acontece de pessoas compreenderem algo (algumas vezes as pessoas compreendem o que dizemos...) - elas dizem: “I see, I see!” (eu vejo, eu vejo). Por que não dizem: “eu cheiro, eu cheiro!”? Porque é uma questão de visão, de enxergar. Compreender significa ver com os olhos espirituais, e esta é a transformação seguinte das forças etéricas.

Evidentemente também precisamos do corpo astral e do Eu para essa transformação, mas são as forças etéricas que providenciam a “substância”. Por isso uma pessoa que se sente fraca ou doente não consegue pensar. Nesse caso não se trata de uma questão do corpo astral ou do Eu, mas do corpo etérico. É isso o que ocorre quando a criança chega aos sete anos. Nossa tarefa é protegê-la e, literalmente, poupar o corpo etérico até ela alcançar a idade de sete anos. Se essa transformação ocorrer prematuramente, a criança não conseguirá formar seu cérebro adequadamente. As células cerebrais não crescem mais depois do nascimento. No entanto, Rudolf Steiner descreve como a estrutura cerebral mais sutil é formada pelo que se chama “mielinização”. Hoje sabemos que essa estruturação mais sutil do cérebro continua a se desenvolver na medida em que a pessoa amadurece. Se antes dos sete anos a criança é exposta somente a bobagens, ela formará o cérebro de tal modo que mais tarde só conseguirá pensar bobagens. Creio ser pertinente mencionar o programa “Vila Sésamo” e as tolices ali mostradas, que são produzidas especificamente para crianças.

Até o sétimo ano de vida o que deve ser protegido é a formação do cérebro e não o crescimento de suas células. Que tipo de perguntas as crianças fazem no período que antecede a transformação do corpo etérico na cabeça? Suas questões focam a harmonia, os aspectos artísticos e religiosos. Em contraposição, na puberdade liberta-se, de certo modo, o corpo astral. Os adolescentes tomam consciência de sua inteligência, utilizam-na e orgulham-se dela. Esperteza é uma questão de corpo astral, enquanto sabedoria diz respeito ao corpo etérico. Aqui podemos observar outra diferença. O corpo etérico cresce, atua e se regenera lentamente. Todo esse crescimento é uma questão de tempo. Não podemos estimular uma planta a crescer nem dizer-lhe para crescer um pouco mais rápido. No entanto, podemos estimular o corpo astral a atuar mais depressa, e ele logo chega a um término, a um estado final. Gostamos de definições; definir (latim *definio*) significa “em direção ao fim” (latim *finis*). Ali tudo está fixo, em contraste com o corpo etérico, onde tudo deve ser flexível. Esta é a razão pela qual Rudolf Steiner estimulou os professores a não usarem definições, porém descrições, caracterizações, para poupar o corpo etérico.

O corpo astral é sempre rápido. Olhem para o nosso estilo de vida. “O primeiro é o melhor” e “quanto mais rápido melhor”, são expressões da astralidade. O corpo etérico é completamente diferente. Ele não se preocupa em ser o primeiro, pois isso não tem a menor importância. Os gregos tinham uma palavra específica para “momento certo”, e chamavam-no “Kairos”. Esta palavra deixou de existir nos idiomas modernos. “Momento certo” não é nem cedo demais nem tarde demais, mas simplesmente no momento exato, e está relacionado com o corpo etérico. Assim como precisamos aguardar o tempo adequado, também temos de esperar pela sabedoria. Não podemos acelerar a aquisição de sabedoria. No entanto, podemos apressar a aquisição de inteligência e esperteza. Isso funciona no nível astral. O corpo etérico é o corpo de sabedoria e religião, e é o que a criança transforma quando começa a pensar. Observem a qualidade do pensar de crianças antes dos sete anos, entre os sete e catorze anos, e depois dos catorze, e verão a diferença do tipo de pensar que surge quando o corpo astral é liberto na época da puberdade. Então os adolescentes adquirem uma inteligência mordaz e destrutiva. Como já foi dito, sabedoria se adquire com o tempo e não se consegue forçar o tempo, bem como sabedoria jamais se utiliza de compulsão.

Podemos poupar e proteger as forças etéricas da criança, como também podemos educar o corpo etérico. O elemento fundamental para isso é a repetição. A repetição correta é fazer algo de modo rítmico. Fazemos sempre a mesma coisa

de modo que a criança consiga transformá-la em hábito. Em alemão se diz: “Es geht in Fleisch und Blut” - “Entra na carne e no sangue”. Quando aprendemos algo, isso torna-se parte do corpo etérico. A base do aprendizado é o corpo etérico, por isso algumas pessoas de idade podem apresentar dificuldade para aprenderem fatos novos. A criança pequena aprende de imediato porque seu corpo etérico é flexível. Consideremos a qualidade da repetição. Ela pode se dar de dois modos diferentes. Quando a repetição é feita ritmicamente, o corpo etérico permanece flexível. No entanto, repetição também significa cadência compassada - executar a mesma ação exatamente da mesma maneira. Bater os pés ou golpear uma mesa também é um meio de ensinar a criança, mas contribuirá para a formação de um corpo etérico rígido. Isto constitui a base para uma terrível esclerose no futuro. Por quê? Porque ritmo não é meramente uma repetição cega. Um arquétipo de ritmo são as ondas que quebram na praia. Uma onda, outra onda e mais uma, sendo que nenhuma é igual à outra; são sempre diferentes. Isso é ritmo. Batida compassada é a repetição da *mesma* coisa.

Recordo-me de um paciente em nosso hospital. Ele foi educado de um modo repetitivo. Seu corpo etérico era bom, mas rígido. Ele tinha se imposto uma rotina que incluía fazer diariamente uma caminhada às 16 horas. Lembro-me do dia em que nos encontramos na saída do hospital. “Ah não! Está chovendo, e isso é terrível”, exclamou ele, “eu tenho que fazer minha caminhada.” Eu respondi: “Leia um pouco agora e faça sua caminhada mais tarde.” Não consigo descrever a expressão que ele fez. Olhou-me como se eu estivesse completamente maluco. Não, ele tinha que fazer sua caminhada agora, e não mais tarde! Ele tinha se fixado em seus hábitos; tinha de caminhar entre 16 e 17 horas e ler entre 17 e 18 horas. Ele era saudável, porém esclerosado. Isso ilustra um problema trágico, ou seja, pessoas têm orgulho de serem tão saudáveis e conseguem fazer muitas coisas. Qualquer coisa, menos mudar! Este estilo de vida atua contra o corpo etérico, pois este deve ser flexível.

Rudolf Steiner indicou como podemos nos manter flexíveis. Temos de mudar nossas atitudes! Por exemplo, todos temos nossa própria maneira de escrever. Quando mudamos nosso modo de escrever mudamos não somente o hábito como a nós mesmos, e isso nos mantém flexíveis. Ou então, considerem que temos nossa própria maneira de abrir ou fechar uma garrafa. Experimentem fazê-lo com a outra mão e verá como essa operação se torna complicada. Vocês observaram como amarram seus sapatos? É uma ação rápida, praticamente automática, e funciona. Experimentem fazê-lo de outro modo. Isto é que torna

nosso corpo etérico flexível. Certamente isso é um desafio e não gostamos dele, porque não temos tempo. Temos uma desculpa: temos de poupar tempo... para sermos os primeiros. Quanto mais velhas forem as pessoas, maior é a tendência de se tornarem rígidas.

Para nos mantermos jovens precisamos cuidar de nosso corpo etérico a tempo - e assim nos mantermos úteis. Indiquei como fazê-lo. No entanto, o que acontece se o corpo etérico não se mantiver flexível? O resultado é uma tendência para a esclerose! Forças vitais não transformadas numa vida mais elevada, para propiciar a base do pensar, continuarão atuando no plano físico. A pessoa permanece “jovem”, aparenta ser “saudável” e, de fato, é sadia do ponto de vista biológico. Contudo, falta-lhe a memória, a concentração, a capacidade de pensar, sinais típicos de esclerose cerebral. Como podemos prevenir isso? Pela transformação da vida biológica, o que é uma necessidade para pessoas mais idosas. E como transformá-la? Por meio de atividade espiritual! A palavra “espiritual” é decisiva. Não se trata de uma atividade qualquer, de exercícios físicos ou assistir TV, nem mesmo escutar música, mas executá-la, ou pintar etc. Ou então iniciar uma atividade completamente nova. Já se sabe que pessoas aposentadas, que finalmente “não fazem nada”, correm o risco de se tornarem escleróticas ou morrer! O remédio correto para pessoas idosas não é uma conservação da vida, mas uma mudança para obterem vida nova! Sabe-se igualmente que pessoas espiritualmente ativas não se tornam esclerosadas, ao menos não com a mesma intensidade que as inativas. (Naturalmente temos de considerar que possa ocorrer uma doença física, como uma degeneração do sistema nervoso; e então se trata de destino, e não é meramente resultado do que fazemos com o corpo etérico.)

Seguimos o desenvolvimento do corpo etérico do embrião à velhice. O que acontece no envelhecimento já é predisposto significativamente na época da juventude e infância. Conhecendo as leis do mundo etérico, podemos como professores influenciar o corpo etérico de tal modo que ele se mantenha flexível, o que será uma vantagem para a “criança” talvez depois de sessenta ou oitenta anos. Tanto o professor quanto o médico devem sempre considerar a vida como um todo, e não somente as próximas horas, semanas ou meses. Eles também devem considerar não somente a vida biológica, etérica, mas igualmente a vida espiritual, isto é, o ser humano como um todo.

Tradução:

Revisão: Dra. Sonia Setzer

UMA LEI DE RELAÇÃO PEDAGÓGICA

Dr. Walter Holtzapfel

Existe o educador nato. As crianças o amam e se ligam a ele. Elas o seguem e compreendem as suas intenções. Esse educador pode dispensar discursos, embora a palavra desempenhe um papel importante na pedagogia. Na sua presença parece que tudo se passa sem pressão, da maneira mais natural do mundo. Ainda assim, os progressos que se realizam nas crianças graças a ele são evidentes. O que acontece nesse caso? Em que se baseia sua ação benéfica?

Existem outros que, apesar das melhores intenções e também de grandes esforços, não conseguem criar uma relação dessa natureza com as crianças. Graças a quê uma criança se desenvolve? A resposta a essa pergunta resulta do conhecimento da constituição quadrimembrada do ser humano. Cada um de seus elementos está sujeito à ação do elemento que o precede hierarquicamente. O corpo físico sofre a ação do corpo etérico, este sofre a do corpo astral que, por sua vez, está sujeito à ação do Eu. Daí resulta uma sequência de esforços que, por exemplo, se desenrolam tal como o que acontece assim que uma decisão é posta em execução: quando me decido a pegar um objeto, essa decisão não pode acionar diretamente minha mão. A decisão - tomada pelo Eu - desce gradativamente até a organização física, se apossa em primeiro lugar no corpo astral, de onde atua sobre o etérico, até alcançar o corpo físico. Um fósforo não poderia fazer o tronco de uma árvore pegar fogo. Mas, inflamando sucessivamente o papel, os raminhos e os galhos mais grossos poderíamos, finalmente, fazer o tronco pegar fogo.

A ação do elemento superior sobre o inferior é ainda melhor ilustrada por uma imagem tomada de fatos naturais. O sol não pode agir diretamente sobre a forma de uma pedra. Mas ele pode aquecer a água, desencadeando assim o seu ciclo: ela se eleva para tornar a cair como chuva, alimentando o riacho. É a água corrente que transforma as pedras em seixos. De maneira semelhante, cada elemento constituinte do ser humano age sobre aquele que lhe está subordinado. Essa ação pode exceder os limites da pessoa e aqui estamos de volta à influência misteriosa que o educador nato exerce sobre a criança. O corpo astral do educador não atua somente sobre o seu próprio corpo etérico, mas sobre o de seu aluno também.

O corpo astral pode se encontrar numa disposição tal que favoreça esta ação.

É o caso do educador nato. Mas, se ele não dispõe desse talento inato, não deve desistir, pois pode adquiri-lo através do esforço da autoeducação. Essa é a maneira mais moderna, pois à medida que as capacidades próprias são atenuadas, o valor das capacidades adquiridas é cada vez maior. A Antroposofia busca justamente transformar a natureza humana, pois o ser humano não se contenta apenas com seus dons naturais.

Em seguida temos o esquema que resume a lei pedagógica fundamental enunciada no *Curso de Pedagogia Curativa*¹.

CRIANÇA	EDUCADOR
Corpo físico	Corpo etérico
Corpo etérico	Corpo astral
Corpo astral	Eu
Eu	Identidade espiritual

Muitas crianças que necessitam de cuidados especiais têm desenvolvimento insuficiente do corpo etérico. Para remediar esse aspecto, qual deve ser o estado do corpo do educador? A disposição psíquica (astral) necessária é alcançada quando o educador “cultiva o interesse cada vez maior pelo ministério da organização humana”. Eis como: o conhecimento geral da natureza humana faz com que o educador adquira uma compreensão mais profunda da criança que lhe foi confiada. Essa compreensão vai até mesmo fazer com que ele sinta com profunda compaixão a situação difícil da criança. O tema do Parsifal, de Richard Wagner, reforça que “o conhecimento proveniente da compaixão” se inverte aqui na “compaixão proveniente do conhecimento”. Mas neste caso se trata da compaixão objetiva. Ela não causa nenhuma perturbação ao educador, de tal forma que não resta nele nenhum sinal de simpatia ou antipatia pelas manifestações patológicas da criança. Se o educador transforma seu conhecimento

¹ Steiner, R - Curso de Pedagogia Curativa, GA 317, disponível como apostila na ABMA, SP

sobre a natureza do ser humano a ponto de poder sentir a situação da criança como descrito acima, ele mesmo será transformado de modo a exercer influência benéfica sobre as forças vitais da criança. Dessa forma, a Antropologia baseada na Ciência Espiritual não apenas confere ao educador meios de compreender seu aluno, como pode também liberar nele força para curar. Basta, ao que parece, o esforço sério e profundo de penetrar um enigma antropológico para desencadear resultados desse tipo, mesmo que a compreensão ainda esteja incompleta. Todas as vezes que fazemos reuniões pedagógicas passamos por isso, por situações nas quais nos debruçamos sobre as dificuldades de uma determinada criança. Pode acontecer que nos defrontemos com um problema sem encontrarmos os elementos de uma solução. Por isso, não tomamos as medidas necessárias à situação. Voltamos para casa um tanto desamparado e tristes. Mesmo assim, a partir da manhã seguinte, a criança já se mostra transformada. Aconteceu alguma coisa que fez com que ela se abrisse de forma nova ao educador.

Qual deve ser o estado do Eu do educador para estimular o corpo astral da criança? “Ter entusiasmo, isso é o que conta”, (diz Rudolf Steiner no mesmo curso)² quando discutimos quais as medidas pedagógicas a serem tomadas com uma criança cujo corpo astral deveria ser levado à atividade maior. O fogo do entusiasmo confere ao Eu do educador a força para agir sobre o corpo astral da criança.

É a partir do caso de uma menina de 16 anos, que apresenta uma fraqueza particular do corpo astral, que podemos entender o que é esse entusiasmo. O educador necessita de entusiasmo para fazer a experiência da verdade. Rudolf Steiner descreveu como a fraqueza do corpo astral nessa menina depende de um acontecimento determinado que deve remontar à idade de três ou quatro anos. De fato, mais tarde, a anamnese revelou que naquela idade a criança apresentou uma febre alta de origem desconhecida. Steiner perguntou que aos colaboradores o que eles haviam feito ao descobrir que um dado da Ciência Espiritual havia sido confirmado dessa forma. Ele não recebeu nenhuma resposta, e continuou: *se vocês tivessem agido adequadamente, diriam que tinham pulado de alegria, a ponto de furar o teto! E então, esse reflexo de pular não apenas se daria em vocês como também o se ilumina iria até hoje.* O entusiasmo para viver a verdade não acontece apenas na cabeça, mas também no sentimento e na vontade. A verdade se torna uma causa pessoal, ligada ao coração. É característico que esse entusiasmo seja

²Idem

exigido justamente ao se tratar de confirmação de um dado da Ciência Espiritual. É preciso estar ativo para descobrir uma confirmação desse gênero, mas essa atividade está ao alcance inclusive daqueles cuja busca não se baseia nos métodos da ciência espiritual. É na atividade interior que se faz a experiência do Eu, cuja natureza é a atividade.

A atuação sobre o Eu da criança provém de um elemento que está formado apenas no educador. Por isso não foi mencionado em nossa descrição sobre a Antropologia do ponto de vista da Ciência Espiritual³.

Na literatura antroposófica, esse elemento é denominado identidade-espiritual. Entretanto, existem seres nos quais a identidade espiritual está plenamente desenvolvida. São os seres que se manifestam pela palavra, os gênios das línguas. A identidade-espiritual atua em tudo que o educador leva à criança por meio da palavra, na linguagem articulada, na Euritmia, que é a “linguagem visível”, na Euritmia Curativas e por fim, planos gestos acrescentados à fala. Quando os gestos através dos quais o educador acompanha suas palavras exprimem exatamente o que se passa em seu interior, ele exerce uma atuação sobre o Eu da criança que vai além das próprias palavras. Os gestos dessa natureza comprovam a relação com os seres já possuidores da identidade-espiritual. Mas, se povos inteiros se habituarem a colocar as mãos nos bolsos para evitar fazer gestos, isso significa que eles querem ser abordados pelos deuses. Eles nada querem saber daqueles que desenvolveram a identidade espiritual, tal como o ser humano desenvolveu a organização para o Eu.

As crianças cleptomaníacas não têm o sentido de propriedade, daquilo que pertence a você ou a mim. Esse fato revela uma fraqueza do Eu. É por isso que elas têm necessidade de sentir o poder da palavra nas “histórias morais”⁴. Se o educador acompanha as narrativas desse tipo com gestos adequados, ele dispõe de um dos remédios mais eficazes contra a tendência para a cleptomania.

Para agir sobre o corpo físico da criança a partir do seu corpo etérico, o educador poderá recorrer a uma capacidade muitas vezes subestimada na Pedagogia Curativa, considerada apenas como um complemento para diversão

³ Dr. Walter Holtzapfel- Kinderschicksale -Entwicklungsrichtungen, cap. Philosophisch –Antroposophischer Verlag, Dornach 1966

⁴ Idem cap. II

na vida. É o humor. A palavra humor e evoca relação como elemento líquido, no qual o corpo etérico está em seu ambiente. Antes de tudo, o que ainda falta para educar estas crianças?⁵ não é o pesado chumbo, mas o humor, o verdadeiro humor, o humor da vida. Sem muito humor na vida não sabemos educar tais crianças, mesmo recorrendo a toda sorte de artifícios inteligentes. O peso de chumbo evoca uma qualidade do corpo físico que o humor deve superar.⁶ muitas vezes, o verdadeiro humor encontrado precisamente entre pessoas bastante sensíveis, que sentem o peso da existência e, freqüentemente, o aliviam com seu senso de humor.

Sem dúvida, uma tarefa tão grande como a do educador e quer seriedade - mas sem que para isso a fisionomia se torne cumpridas até alcançar a barriga, como disse Rudolf Steiner certa vez, como humor, a uma colaboradora inglesa.

No curso de pedagogia curativa a tarefa do humor é abordada em relação ao menino cuja constituição física era tão endurecida e congelada que nos encontrávamos diante de um organismo de natureza rochosa⁷. Para a rigidez seu peso dominava nele, mas justamente num caso como esse, a força de leveza do humor põe novamente tudo em movimento.

Com certeza, é benefício para a saúde de toda criança um pouco de humor mesclado ao ensino. Pelo menos uma vez durante aula deveríamos fazer rir ou criar uma ambiente no qual a crianças se divirta. Como conseqüência, ela sente necessidade de se agitar. O sentimento de superioridade próprio ao ambiente bem-humorado e expande o coração da criança; no estado de alma contrário, o coração se contrai de novo. Os dois estados, de contração expansão, são necessários ao desenvolvimento sadio da criança.

O alcance psicológico da atuação do educador é reforçado quando ele se identifica compreensiva mente com a situação deficiente da criança. Seu Eu ganha segurança interior pelo entusiasmo para com a verdade. Ele atua a partir das forças da identidade espiritual, entregando tudo o que tem relação com o Verbo, no sentido mais amplo do termo. Seu corpo etérico se mobiliza através do impulso revigorador do humor.

⁵ Ver nota 2

⁶ Idem

⁷ Idem

Dessa forma, o caminho para o educador está indicado. Ele pode saber como fortalecer seu próprio ser para atuar diretamente sobre o ser da criança. A autoeducação se torna um instrumento pedagógico altamente eficiente. Mas ele deve saber o que faz ao servir-se desse instrumento. Não se trata Nair radiação geral da sua personalidade e sim de um efeito específico, diferenciado de acordo com os elementos constitutivos do ser humano. Cada um desses atua sobre o elemento subordinado na hierarquia desses membros componentes, mesmo nas relações de educador para a com a criança.

Essas influências são exercidas de cima para baixo, a partir de uma esfera superior mais sutil, para repercutir em esferas progressivamente mais concretas e mais reais na aparência. Esse ponto de vista esclarece, de certa forma, a questão sobre o castigo corporal. A influência pedagógica deste se propaga e exatamente no sentido oposto, de baixo para cima. Ela parte da esfera física e daí a atua até as esferas mais delicadas da criança, atingindo até mesmo seu sentimento de dignidade pessoal, sobre o amor-próprio. E quaisquer sejam os eventuais resultados do momento, a inversão na direção da sua ação torna duvidoso o valor do castigo.

Vejam bem, pode ser necessária acalmar uma criança extremamente agitada através de meios físicos, mas apenas para sua proteção ou das outras crianças. A medida que somos levados a tomar nesse caso, devem ser consideradas como uma terapia. Muitas vezes a criança percebe como uma ajuda e não como uma punição ofensiva ao seu amor-próprio.

A agora podemos modificar o esquema feito no início deste capítulo:

CRIANÇA	EDUCADOR
corpo físico	humor
corpo etérico	compreensão a antropológicas
corpo astral	entusiasmo pela verdade
Eu	cultivo do Verbo

O professor de uma criança normalmente adotada prepara o terreno no qual as capacidades do seu aluno poderão desabrochar. Na pedagogia curativa o educador não pode se com tentar em desenvolver dons naturais. Ele deve fazer germinar, na criança pela qual responde meio de forças não disponíveis de início. O conhecimento e a aplicação da lei aqui citada é um recurso determinante para o educador.

Esta lei atua - consciente ou inconscientemente - na relação entre todas as pessoas. Ela também pode se dar entre paciente e médico ou enfermeiro. Mas ela é muito mais importante na pedagogia curativa, cuja tarefa é superar os maiores obstáculos do desenvolvimento.

- Tradutor não identificado

- Revisão: Ruth Salles

- Extraído da revista NAVEGANTES - Edição João de Barro e Travessia com permissão da editora.

NOTADO EDITOR: Esse artigo é o terceiro capítulo do livro 'Kinderschicksale -Entwicklungsrichtungen, - Dr. Walter Holtzapfel.

O DESENVOLVIMENTO DO SER HUMANO NA TERRA E ATRAVÉS DAS ENCARNAÇÕES

O que é que trabalha de uma existência à outra, que teve seu início em vidas remotas??

É o EU humano, nome que só ele próprio pode se dar, pois não se aplica a outro ser. O EU do ser humano, além de se trabalhar em cada uma de suas vidas, vai de uma vida a outra e conforme avança de uma a outra, realiza o desenvolvimento. E como se dá??

Pelo trabalho que o Eu executa em seus três membros inferiores durante toda a vida na terra!

Agora veremos o que são os três membros inferiores, como se nos apresentam e como os desenvolvemos em nossas vidas através do trabalho do nosso EU! (Recomendo a leitura do livro de Rudolf Steiner: “A Educação da Criança segundo a Ciência Espiritual”)

Começemos pelo corpo astral, portador das vontades, dos sofrimentos, alegria e dor, dos impulsos, desejos e paixões. Uma pessoa menos desenvolvida segue como escravo seus impulsos, desejos e paixões. Comparando esse a um ser mais desenvolvido, cujo Eu já trabalhou nesse corpo astral, vemos que foi capaz de transformar impulsos, desejos e paixões em qualidades mais refinadas!

Temos outro envoltório chamado corpo etérico ou vital que é responsável pelo crescimento, por todos os fluxos em nós, pela reprodução, pela vida em si. É responsável também pelo nosso pensar! Desenvolve-se através da educação: do caráter, da consciência, das inclinações, da memória, dos temperamentos, dos hábitos!

O terceiro envoltório de nosso Eu é o nosso corpo físico que conhecemos melhor, pois é visível!

Veremos agora como se dá esse trabalho do EU em nossos membros inferiores ou envoltórios, o que nos ajudará a ver o que tem tudo isso a ver com a nossa pedagogia e, diretamente, com nossos alunos:

Um exemplo:

Olhemos para uma rosa, e teremos a percepção dela. Ao nos apercebermos dela temos uma percepção do mundo exterior, da rosa que ali está! Desviando o olhar, teremos somente a imagem dela, podendo até levá-la conosco. É uma representação mental a qual podemos recorrer a qualquer hora.

É preciso diferenciar a percepção da representação mental.

Uma barra de aço quentíssima na minha representação mental é muito diferente da barra quente da minha percepção, pois essa queima, a barra da minha representação mental não me queima! Para que tenhamos uma percepção é preciso relacionar-se com o mundo exterior. Já a representação mental pertence à alma.

Podemos traçar um limite entre o que vivenciamos internamente e o mundo exterior.

Tendo vivências internas, dá-se o início do que denominamos alma da sensação! Nela estão as representações mentais, tudo pelo que temos simpatia ou antipatia: nossos sentimentos, nossas sensações com relação às coisas exteriores! Se acharmos a rosa bela, essa é uma vivência da alma da sensação!! Exatamente onde começa a vivência interior, começa a alma da sensação! Dizemos que foi um trabalho inconsciente feito pelo Eu no corpo astral.

Um membro da alma mais elevado, que surge através do trabalho inconsciente do EU no corpo etérico é o que denominamos alma da razão ou da índole. Através dela o homem tem vivências que até podem ser estimuladas pelo mundo exterior, mas que ele leva adiante pensando a respeito, se envolvendo, tendo outras vivências com relação a estas, que podem ser colocadas em oposição umas

às outras, contrastando ou mesmo se harmonizando... assim essas vivências se constroem, transformam-se em pensamentos, conclusões, julgamentos e conceitos, em suma, em todo conteúdo de sua índole.

O ser humano ainda tem mais um terceiro membro da alma chamado alma da consciência, que resulta do trabalho inconsciente no corpo físico! Com esse pode dirigir-se para fora, para o mundo ou para o cosmo, ou mesmo para o mundo espiritual e levar o que vivenciou e pensou em forma de conclusões, julgamentos, conceitos, idéias, ideais, ou seja, toda sua índole, juntando-se novamente ao mundo. Quando o Eu desenvolve, ainda inconscientemente, esse terceiro membro da alma, não só tem vivências como resultado de estímulos que vêm de fora, nem mesmo só reflete sobre elas, mas ela faz do que vivenciou internamente e do que pensou, um conhecimento sobre o mundo exterior! Estamos falando da alma da consciência, através da qual nos tornamos pessoas eruditas e conhecedoras!!!

Repetindo: Se nós plasmarmos nossos sentimentos, o que vivenciamos em nós e o que pensamos a respeito, de tal forma que elucidem o conteúdo do mundo, então o conteúdo de nosso pensar, julgar e da índole passa a ser conhecimento sobre o mundo exterior.

Mas é o Eu que trabalha incessantemente nos três membros da alma humana, na alma da sensação, na alma da razão ou da índole e na alma da consciência! E quanto mais trabalha, tanto mais capaz tornará os três membros da alma, tanto mais progride o ser humano em seu desenvolvimento!

Podemos ainda dizer que os diversos membros da alma não são uniformemente desenvolvidos no ser humano de hoje. A alma da sensação é a mais desenvolvida, embora ainda um tanto abafada. O Eu ainda não está totalmente desperto nela, só se ele trabalhar em si ao passar dos tempos. Pode tornar-se cada vez mais desperto e consciente, e isto só será possível quando o ser tiver uma vida mais atuante e rica na alma da razão! O Eu aparece ainda mais nítido quando na

alma da consciência se distinguir do mundo exterior, distanciando-se, isso só será possível mesmo na alma da consciência, podendo, se quiser unir-se novamente a ele da forma escolhida.

Temos portanto o Eu cismando de forma abafada na alma da sensação, onde estão as ondas de prazer e desprazer, alegria e dor, aliás, aí o Eu mal se percebe, ele é arrebatado pelas vagas das afeições e paixões, sensações etc... Só quando o Eu chegar a desenvolver mais a alma da razão ou da índole, chegando a ideias claras e esboçadas, julgamentos e conceitos claros, ficará mais preenchido de clareza em si, e, evidentemente, mais ainda na alma da consciência!

Pensando bem, chegaremos à constatação que descrevemos os três passos de nossa aula principal, (pensar, sentir, querer), (vivência, pensar a respeito, chegar ao conceito), assim como os três dias em que trabalhamos um mesmo assunto de nosso currículo. (Conclusão, julgamento, conceito). Para maior entendimento do desenvolvimento do ser humano como um todo, podemos prosseguir:

Pois esse desenvolvimento acima apresentado se dá dessa forma também nos três primeiros setênios. Vejamos como se dá:

De 0 a 7 o corpo físico se desenvolve, se individualiza, a casa se torna morada própria e o Eu, trabalhando de fora, faz com que a criança vá transformando suas vivências, suas imagens em experiências sobre o mundo ao seu redor! Quanto mais ricas as vivências, melhor! (Alma da sensação ainda abafada) De 7 a 14, desenvolve-se o corpo etérico que acabou de nascer, passando a ser seu, com sua própria configuração! O cordão umbilical invisível se dissolve, torna-se independente da mãe.

A criança cursa o ensino fundamental, tem vivências, vai pensando sobre elas e aos poucos adquire um conhecimento sobre o mundo.

A dependência anímica dos pais ainda permanece! (primeiros passos para o desenvolvimento da alma da razão ou da índole) De 14 a 21, desenvolve-se o corpo astral que acabou de nascer, passando a ser seu! A dependência anímica dos

pais vai aos poucos se dissolvendo. O jovem tem vivências, pensa a respeito, faz reflexões, conclui, julga e chega aos mais diversos conceitos, donde decorre seu conhecimento sobre o mundo!

A partir de 21 anos alcança a maioridade sendo que o Eu pode, aos poucos, liberar-se de seu corpo físico para como personalidade se responsabilizar por seus atos. O corpo astral, o corpo etérico e o corpo físico agora são os seus próprios envoltórios, individualizados, sua morada!

Mas esse Eu ainda precisa trabalhar mais, desenvolver-se mais, pois a fase dos 21 aos 42 é a fase propriamente dita do desenvolvimento da alma! Ou seja, é preciso trabalhar mais o corpo astral, etérico e físico!

De 21 a 28 desenvolve-se a alma da sensação, como parte do corpo astral transformado!

De 28 a 35, o Eu chega ao corpo etérico, e por essa fonte de vida a alma da razão ou da índole se configura!

De 35 a 42, chegamos ao desenvolvimento do terceiro membro da alma, a alma da consciência! O pensar e a incessante busca da verdade devem ganhar mais clareza!

A partir de então, o ser humano poderá trabalhar conscientemente no seu desenvolvimento. Assim vemos o Eu, continuando seu trabalho em seus envoltórios! A parte do astral que o Eu transforma conscientemente, nós chamamos de “personalidade espiritual.” O Eu pode se tornar cada vez mais forte podendo transformar também o corpo etérico ou corpo vital! Essa parte que o Eu transforma conscientemente em seu corpo etérico, nós designamos “espírito vital.” E conforme o Eu vai ficando cada vez mais forte, consegue até transformar parte de seu corpo físico, e esta parte chamaremos de “homem espírito”! Vemos como o desenvolvimento se dá: os membros que o ser humano recebeu sem sua participação, são transformados pelo seu Eu, nesse caso conscientemente, sendo que na verdade, ele ainda está aspirando a esse desenvolvimento que se

dará aos poucos. Ainda não é capaz de realizá-lo prontamente, precisará de várias encarnações para alcançar tal grau, o que se dará nas próximas fases de desenvolvimento da terra.

Elaborado por Monica von Beckedorff

Baseado nas indicações de Rudolf Steiner